

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros 8500
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago á entrega 6120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 29

1 DE MARÇO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LOBETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



JULIO GREVY, NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — A França e Julio Grévy, LATIRO CORLEO — As nossas gravuras — Entrevista dos reis de Hespanha e Portugal em Elvas, BAITO REBELLO — Igreja de Margão, as exequias em honra do visconde de Sergio de Sousa, L. M. — Actualidades scientificas, A lua será habitada? CAMILLO FLAMARION — Cannibalismo n'um comboio, CUKHA E SÁ — Bibliographia.

GRAVURAS. — Julio Grévy, presidente da republica franceza — Entrevista dos reis D. Affonso XII e D. Luis I no dia 5 de fevereiro de 1879 em Elvas — Porto, inundações em Miragaya — Igreja matriz de Margão — Cenotaphio levantado na igreja de Margão nas exequias do visconde de Sergio de Sousa, governador da India — Meu filho! — Cratera da lua — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa só tem verdadeira graça n'uma dada circumstancia; — quando pretende ser séria. Fôra d'isto a sua imaginação esteril emprega em vão os maiores esforços sem conseguir um unico effeito comico digno do applauso e da commemoração da critica.

Ha tres dias nós abí a vimos, a triste rainha do occidente, patinhando os charcos do Chiado, n'essa via dolorosa que conduz do Largo das duas Igrejas á esquadra da policia. O manto ia-lhe de roxo sobre a lama, e ella passava seguida de um cortejo esfarrapado, entre as alas da municipal, sem conseguir com os seus esgares nem com os seus gritos, desfranzir o sobrolho carregado da turba ociosa e recolhida que assistia ao desfilar d'esta procissão da sensibilidade publica!

Felizmente d'esta vez ha uma desculpa a dar a qualquer estrangeiro que porventura se lembrassem de vir a Lisboa passar o carnaval, e que hoje se ache roubado n'um passatempo aprazível. A alegria nacional foi este anno prohibida pelo sr. Governador Civil. A autoridade administrativa pelo facto de pôr um edital nas esquinas pôz uma peia no regosijo publico. Supprimiu ao mesmo tempo as expansões das almas e as *bisnagas* d'agua de colonia, e com um traço de penna acabou de vez com estas duas cousas tão diversas na apparencia — o delirio popular e os cartuchos de póz!

Eu sou dos scepticos que não acreditam que a alegria de um povo obdeça aos editaes do governo civil. Se ella não passou no Chiado é por que realmente já não existe de facto entre nós; foi-se de cá embora ha muito tempo; aliás teria praticado um desacato que eu tremo só d'enumerar. Isto é; teria pegado n'um ovo de gema, esborrachando-o — oh desacato! — no nariz — oh profanação! — do primeiro magistrado do districto — oh horror!

Lá me cahiu a penna da mão!

Haja vista o que fez o ceu peninsular que é o ultimo refugio da alegria n'este abençoado canto do mundo; o ceu aonde ainda ha um sol que constitue toda a nossa gloria, e em noites merencorias, uma lua que é toda a nossa consolação!

O ceu peninsular tendo noticia de que o sr. governador civil prohibira os divertimentos com agua reccioso, talvez, do futuro da companhia que em Lisboa tem o exclusivo d'este liquido hemfeitor, resolveu na terça feira transgredir da forma mais premtoria e mais cabal o ditatorial decreto da auctoridade, abrindo de par em par as suas cataractas.

Assistimos todos então a um espectáculo edificante, que é no mesmo tempo um exemplo aos poderosos do mundo.

O primeiro magistrado do districto sentindo cair agua na calçada, ao sair de casa, deteve-se um momento. Recolheu-se em espirito, tomando aspecto severo, e, voltando atraz, quando a gente poderia receber uma lição tremenda... foi buscar um chapen de chuva!...

Pela parte que me diz respeito, confesso que

nunca vi prova de mais tolerancia e de mais benignidade por parte d'uma auctoridade omnipotente desatendida nas suas determinações!

E o principal mantenedor da ordem publica, de chapen de chuva e galoxas de borracha, e todos os seus subordinados de capas d'oleado, assim atravessaram o Chiado, sofrendo as zombarias do Altissimo com uma magnanimidade digna dos maiores elogios!...

E não se diga que a auctoridade não tinha á sua disposição força bastante para cohibir estes desmandos do firmamento: não se diga tal.

Aquelle magistrado (não me refiro a Deus, refiro-me ao sr. governador civil) podia, por exemplo, mandar formar a guarda municipal no Largo das duas Igrejas, ordenando ao commissario da segunda divisão que dirigisse uma intimação em forma ás cataractas do ceu. Os tambores rufavam tres vezes, e se caísse mais um pingo d'agua — fogo!

Era uma vez Nosso Senhor!

Graças vos sejam dadas, generoso magistrado, por nós e por vosso collega o Todo Poderoso!

Não quizesteis ficar com o remorso de ter dado uma descarga no firmamento, e fizesteis vós muito bem. Deixal-o durar mais algum tempo.

— Nos bailes de mascarar dos theatros, a bachanal ainda por vezes fez tilintar os seus guisos com certa moderação, comendo algumas iscas de fiambre, e dando alguns pinchos mais arrojados da meia noite ás tres da madrugada. A essa hora não se sentindo boa da cabeça dispertou, indo recolher-se á cama ou aos calabouços do governo civil, segundo as suas predilecções de momento.

Todos os theatros haviam feito uma promessa mais ou menos risonha, no intento de deslumbrar a imaginação publica. S. Carlos prometera uma cascata, D. Maria II, luz electrica; os Recreios, a companhia de zarzuela — ás talhadas, e, conforme o apetite dos espectadores, cada qual procurava a promessa que mais lhe sorria, sendo opinião unanime que nunca as empresas manifestaram mais solidariedade d'interesses, pois que serviram por igual ao publico, em todos os theatros, a promessa unicamente, sem cascata, sem luz electrica e sem filetes... de corista!

Em S. Carlos a *bisnaga* d'agua de colonia, de todos os preços e de todas as procedencias ainda as mais imprevisas, sustentou um combate bem nutrido até altas horas, podendo dizer-se que é este o primeiro anno de delirio lyrico na historia dos bailes d'aquelle teatro. O professor Justino Soares recebeu n'aquella casa d'espectaculo o seu baptismo de fogo — e d'agua, sendo ás duas da madrugada passeiado em triumpho por toda a sala, entre os applausos do alto mundo portuguez. Já era tempo da choreographia genuinamente nacional receber esta solemne consagração.

De resto, o mais triste de todo este divertimento foram as mascarar! Sim, foram ellas o ponto mais negro da festa, tanto pela auzenia de espirito como, na maioria dos casos, pela abundancia de nodos.

Todos nós as vimos, ora pastorinhas revelando porta-machados do exercito sob as gazes esfarrapadas dos seus vestidos, ora velhos portuguezes denunciando prazenteiros gallegos de baixo d'ignobil farpella vinda das lavadeiras do seculo passado. E ellas lá iam todas, em ginchos irritantes, molhadas, confundidas, desprezadas, até chegarem á benéfica quarta feira de cinza que de novo lhe poria uma moxila aos hombros ou um barril ás costas.

— Querem por ventura rir? Tem o leitor, por acaso, absoluto desejo de soltar algumas gargalhadas francezas?

Fuja do Carnaval Lisbonense, abandone-o, de-lhe o seu desprezo, entregando-se de preferencia á contemplação de algumas coisas sérias que por ahí ha.

Francamente, eu estive todo o carnaval com immenso desejo de me rir, á porta da Casa Havaneza, e não me foi possível. O popular pré-gador José Augusto passava pelo Chiado no

seu carro triumphal, e eu ficava serio e via seria toda a gente! Na verdade, no parlamento ha todos os dias discursos muito mais comicos e muito mais divertidos do que os d'aquelle afamado tribuno das ruas! Sim immortal José, sem que de tal suspeites, infeliz, tens rivaes, muito mais jocosos, muito mais mirabolantes muito mais funambulescos do que tu! Trata pois de estudar a representação nacional e a tua fortuna, com o auxilio do teu genio, estará feita.

Oh, senhores, — isto sem irreverencia — ha por ventura mascarada mais divertida do que algumas que por ahí se fazem annualmente, entre as quaes uma em que figuram todos os poderes do estado, precedidos de uma philarmonica de pretos tocando um hymno das sanzalas, em aprazível passeio pelas ruas da baixa, cumprimentando amavelmente os srs. logistas da rua dos Retrozeiros postos em socego ás janellas com suas familias, gosando o desfilar do cortejo?...

E dizem que Lisboa não é uma cidade divertida? E' sim, senhor, mas depois do carnaval.

Fôra d'isso pôde o noticiario portuguez passear á vontade os seus dominos mysteriosos no andar espectacular da sua prosa mais risonha, que não seréi eu que acredite na erudição nem no espirito das mascarar nacionais.

Unicamente acredito nos seus guinchos.

— E agora o que nos resta fazer?

Polvilhar a cabeça de cinza por duas rasões. Para fugir que tripudlamos na orgia e para nos penitenciaros de a termos por ventura desejado. E assim, em grande *toilette* de arrependidos, atravessaremos a quadra da penitencia que promete ser um pouco mais divertida do que o Carnaval de triste memoria.

Teremos o *Fausto* em S. Carlos por despedida da estação lyrica, com um Mephistophiles de primeira ordem, e uma Margarida que certamente dará á opera de Gounod mais alguma cousa do que a cabelleira loira da tradição.

Ouviremos grandes concertos dirigidos por Barbieri.

Enlevar-nos-hemos aos domingos, das duas ás quatro, nos acordes plangentes do violoncello de M.^{lle} Elisa Weintlich, no salão da Trindade.

Rossi terá a extrema benevolencia de nos levantar de pé pelos cabellos, declamando Hugo e Shakespeare.

E, como digno complemento d'esta perspectiva risonha, assistiremos á representação do *Hernani* em D. Maria II, sem recciaros as batalhas tempestuosas que assignalaram em França a appareição d'este grito de guerra do romantismo.

A tragedia entre nós já hoje não provoca conflictos. Na maioria dos casos o mais que provoca é somno.

Em todo o caso como a sr.^a Virginia será D. Sol, ficamos socegados a respeito das intenções da empresa que, imitando a de S. Carlos no 3.^o acto do *Propheta*, podia muito bem lembrar-se de nos servir algum astro arruinado que por lá tivesse de sobreccellente no guarda-tragicas.

— No fim de contas estas divagações innocentes prejudicaram umas ligeiras palavras que eu desejava dizer a respeito da *Medicina de Balzac*, finissima comedia em tres actos de Gervasio Lobato, que por emquanto, que eu me lembre, constitue por este anno todo o repertorio original do teatro portuguez.

Já agora não cabe na pequenina nesga de columna de que posso dispôr, a expressão do meu sentimento a respeito da graciosa obra theatral que ha noites acordou os eccos adormecidos do Gymnasio, com a sua risada franca e salutar, entretanto eu e todos nós devemos uma palavra d'animação a este intrepido theatro que, enquanto o seu irmão mais velho dorme em baixo ercostado aos bancos do Rocio, vae fazendo todas as diligencias para escabecear o menos possível.

A FRANÇA E JULIO GRÉVY

I

Ha ainda hoje porventura algum rebelde e obscuro entendimento, que persista em duvidar de que o progresso nas humanas sociedades é uma lei natural tão ineluctavelmente observada como as leis do mundo physico? Ha ainda alguém, tão renitente á doutrinação da historia, que ouse contestar que um processo racional, ininterrupto de lenta, mas segura evolução produz por successivas metamorphoses os phenomenos sociaes como sob as influencias biologicas se originam e se transformam os organismos? Para que as nevoas de todo o ponto se dissipem n'esses espiritos incredulos, é bastante que venham contemplar a França dos nossos dias e pô-la em confronto e parallelô com a França dos tempos que passaram.

A principio uma turba irrequieta de barbaros cubicosos e brutaes, irrompendo nos fecundos territorios da Gallia, proclamam a força, como o principio fundamental da sociedade, e a conquista, como a fórma natural da humana actividade. Sobre as ruinas da civilisação gallo-romana apparecem fundadas as monarchias barbaras. Não ha então outro direito senão a victoria do mais forte. O chefe é o que tem o braço mais robusto e o que pôde auctorisar a magestade do seu nome com o terror das suas façanhas. A guerra e a anarchia dominam sem tregua, nem repressão. Só tem immuniidades e franquezas, quem as pôde assegurar e defender pela violencia e pela força.

Um barbaro feliz, ousado, aventureiro, consegue depois resuscitar por memoraveis feitos militares a sombra de um imperio do Occidente. Procura sem o alcançar de todo o ponto, fazer da França uma nação e insuflar nas hordas bellicosas, a quem impera, a noção de uma patria commun e indivisivel. Alarga muito além das fronteiras da velha Gallia a pujança triumphal do seu imperio. Mas quando o guerreiro francez repousa finalmente na crypta funeraria de Agnisgran, a sombra de Carlos Magno não basta a manter compacta e indivisa aquella artificial agglomeração de elementos sociaes antagonistas. A fraqueza e a dissensão dos seus debeis successores aniquilla quasi inteiramente os esforços do grande imperador. Mas a primeira tentativa de crear e fortalecer uma nação franceza lá coexiste ao menos na tradição e na memoria como o estado primitivo de uma grande e futura civilisação. As nações vivem de dois principios antagonistas, mas igualmente necessarios: a unidade, que é como se fóra a attração dos elementos sociaes; a individualidade, que é como a repulsão, que os inhiibe de confundirem-se e mesclarem-se n'um todo uniforme, inerte, insusceptivel de vida e movimento. A unidade corresponde á idéa de patria, de interesse colectivo, de direito superior ao egoismo pessoal. A individualidade representa a noção de liberdade, o interesse do cidadão, o direito particular que se esforça por não ser tyrannicamente absorvido pelo egoismo do poder.

A França de Carlos Magno realisa a primeira fórma de unidade. O sistema feudal, que por gradativas transições lhe vae succedendo triumphante, constitue a primeira appareição da liberdade individual nas sociedades medievas. Mas é apenas liberdade para as que podem vindical-a pela força das suas armas, pelo poder das suas numerosas clientellas. Abaixo d'esta oligarchia de homens livres, que tem o seu inviolavel domicilio na fortaleza inexpugnável dos seus castellos empinados na crista dos rochedos, a grande maioria das plebeias multidões continúa a vegetar nos campos, oppressa pelos senhores, despresada por elles nos burgos e cidades.

A força é ainda a representação concreta do direito. A espada é o codigo de mais auctoridade. Todas as instituições d'aquella idade respiram sangue ou superstição.

O individualismo feudal e bellicoso predomina sobre a unidade pacifica e nacional. O laço feudal é tão frouxo, que não pôde manter

a cohesão, nem cohibir os desmandos e insolencias dos barões. Em vez da noção clara, veneranda, inviolavel do direito social, ha apenas o principio convencional da honra cavalleirosa. A guerra é então o estado natural, e a usurpação reciproca o fluxo e o refluxo que mantem a sociedade em movimento e excitação.

Adianta-se agora mais um grau nas conquistas da liberdade. O predomínio feudal vae decaindo do seu primeiro vigor e omnipotencia. Quando n'uma sociedade, que se constitue pela força, uma casta privilegiada, preponderante adquiriu para si em monopolio os direitos de cidade, as classes sociaes, que demoram no grau immediato e inferior na hierarchia, esforçam-se por subir a egual preeminencia. O movimento das communas, que se organisam e se apercebem para vindicar os seus fóros e franquias, é luctar ousadamente com a arrogancia dos senhores e dos barões, representa o alargamento d'este quadro, onde se arrolam os homens livres por successivas addições.

A liberdade é então um privilegio, não um direito repartido por egual entre todos os homens de uma nação. É um privilegio para os nobres durante a quadra mais florente e vigorosa do crescente feudalismo. É agora tambem um privilegio para os burguezes, que adquirem pelas armas, ou mercadejam pelo seu ouro, as cartas de grandeza e immuniidade para as suas associações municipaes. Ninguem n'este crepusculo matinal imagina por uma nebulosa anticipação que a liberdade é um direito independente da tradição, um fóro que não carece de mais titulo que a pura qualidade de ser o que o vence uma creatura humana, racional.

A nação estava a perigo de perder-se disseminada pela dupla anarchia social dos castellos e dos burgos. Urgia agora acudir a esta deletéria divisão, em que estava ameaçando naufragar a unidade nacional. Vem então a monarchia absoluta sobrepor-se ao feudalismo e ás communas. Fortalece-se a nação á custa de liberdade. De Luiz XI a Luiz XIV a monarchia vae concentrando em si pela força, ou pela astucia, todas as influencias outr'ora divididas pelas classes privilegiadas. Nos fins do seculo XVII a França está solidamente constituída como nação. Começa agora com maior tenacidade e melhor exito a lucta da liberdade.

Em toda a sociedade que se transforma ha duas forças, que actuam sem cessar, duas ordens de temerosas reacções, que se passam incessantes no immenso laboratorio das nações. Em quanto a espada na lucta dos interesses, derrama o sangue nos campos de batalha, o pensamento irrequieta e innovador na gloriosa porfia da verdade vae esparzindo a luz esplendida, e illuminando com ella o roteiro da humanidade.

Em quanto a monarchia absoluta, confiando no seu illimitado poderio, cuida estar fabricando uma França poderosa e invasora em proveito e para gloria dos dynastas, andava o pensamento aparelhando a immensa conflagração, em que dos escombros de um solio de mil annos havia de renascer a liberdade universal. Nas quadras climatericas da humanidade a idéa não pôde irradiar a luz, que dissipa as trevas sociaes, sem despedir os raios calorificos, que chegam a abraçar e a fundir as caducas instituições.

Não ha revoluções pacificas. Na sociedade como no mundo physico, as reacções que determinam uma nova disposição dos elementos, presuppõe a acção energica de forças descommunes.

Chega a grande, a fecunda, a gloriosa revolução, que nos fins do XVIII seculo, intimou á velha Europa dynastica e ainda semi-feudal a sua inevitavel abdicación.

A monarchia intenta resistir, mas o povo, realisando o celebrado aphorismo de Sieyès, o povo que não era nada, é agora tudo na agitada e nova sociedade. É vencida a realesa. A republica é desde então proclamada como a forma racional dos povos livres. Mas os poderes tradicionaes, ainda mesmo já decrepitos, não se resignam facilmente sem tentar a fortuna

das sangrentas reevindicações. Para os Bourbons a França não é um povo, é um morgado. Para elles ha só um direito inviolavel, o direito da sua dynastia. A Europa monarchica incitada pelos Bourbons e pelos seus impenitentes partidarios, arroja-se como um tufão contra a nascente democracia.

A palavra demolidora dos philosophos, a voz eloquente dos tribunos tinham feito a revolução. A audacia da convenção, e o fanatismo heroico da liberdade, receberam impassiveis nos seus broqueis os golpes da coallição. As armas triumphantes da Republica alagaram como uma enchente impetuosa o territorio das velhas monarchias. As legiões republicanas, marchando ao som da *Marseilha*, levaram pendurada na ponta das baionetas a carta da liberdade aos povos opprimidos. Da impenitencia da monarchia brotou expontaneo, inevitavel o Terror. Curvemos a face ao encontrar no caminho radiante da liberdade o sinistro aparelho da guilhotina, mas confessemos que sem o torvo e implacavel fanatismo da convenção, a liberdade nos seus primeiros arremessos haveria calido manietada pela cruenta repressão dos despotas coroados. É triste, mas por ventura indefectivel, necessario condão da humanidade, que a idéa antes de poder manifestar-se convertida em progresso social, tenha sempre a guerra por incubação, o sangue por ambiente.

O homem como organismo não pode nunca, por mais erguido que levante o seu espirito, esquivar-se inteiramente á lei fatal, que domina a transformação dos organismos — a lucta pela vida. Nos combates, de que se tece a evolução da humanidade, tem o espirito por armas as idéas, mas o corpo a força por instrumento. O bem é concedido á humanidade com a lastimosa condição de o ir desentranhar d'entre os males onde se esconde, como o ouro entre as areias mais estereis, e o diamante em villissimos cascalhos. Choremos com o sentimentalismo, o cruento scenario da convenção e do terror, mas saudemos com piedoso entusiasmo a revolução e a liberdade, ainda mesmo quando pura na sua fé, immaculada na sua idéa, se levanta deixando ver no fundo do seu quadro a sinistra appareição da guilhotina. O sol é formoso e creador ainda quando ao erguer-se no horisonte tem aos lados por antithese as nuvens pardacentas da borrasca.

A revolução demolio, fundou, combateu, evangelizou. De revolução franceza fez-se revolução do mundo. A tomada da Bastilha é uma data na chronologia cosmopolita. A assembléa de 89 não é apenas assembléa de uma nação. É o concilio ecumenico da liberdade.

As revoluções tem parentheses. O entusiasmo transmuda-se e desloca-se. O fanatismo da liberdade torna-se na idolatria da gloria. O consulado substituiu a vontade e a energia de um só homem á magestade soberana de livres cidadãos. Mas o principio da revolução continuou a fermentar no seio da republica adulterada pelo ambicioso conquistador. E quando o germen subsiste vigoroso, indestructivel, na sua apparente esterilidade está o segredo e o penhor de novas e mais fecundas revoluções.

LATINO COELHO.

AS NOSSAS GRAVURAS

PORTO — INUNDAÇÕES EM MIRAGAYA

A nossa gravura representa o sitio de Miragaya na cidade do Porto, por occasião das ultimas inundações, quando o Douro crescendo fóra do leito, invadia as ruas adjacentes ás suas margens.

O ponto de vista é muito pittoresco. Ao longe, no alto, avista-se o palacio de cristal e a linha das novas edificações que se reflectem nas aguas imprimindo a esta scena um aspecto, que seria extremamente risinho, se estes acontcimentos não fossem de ordinario incommodos e não raro desastrosos para uma cidade de tanto trafego commercial, que não foi propriamente edificada para ser a Vênus do Occidente, e que só o é, como n'este caso, por circunstancias decerto excepcionaes, muito contra vontade dos seus laboriosos habitantes.



ENTREVISTA DOS REIS D. AFFONSO XII E D. LUIZ I REALISADA NO DIA 5 DE FEVEREIRO DE 1879 EM ELVAS (Esboço feito no acto da revista passada ás tropas da guarnição)

ENTREVISTA

DOS REIS DE PORTUGAL E HESPAÑHA

EM ELVAS

Festas anteriores na fronteira

Elvas, a primeira praça de guerra portugueza, foi testemunha ha poucos dias de uma festa brilhante, e fraternal, do encontro dos dois chefes das duas nações ibéricas, tão gloriosas, tão irmãs, tão proximas, mas tão ciosas da sua liberdade e independencia.

Nem sempre as fronteiras de Portugal e Hespanha deram passagem aos exercitos dos dois paizes para vingar afrontas, ás vezes pouco justificadas, ou disputar direitos de pretensões loucas ou mal pensadas. Se as hostes de Sancho Adefonsiades, atravessando o Guadiana, foram annunciar com os gumes dos seus ferros aos espantados moeslemans de Sevilha, que no occidente da península se havia criado um Estado que os havia de combater em quanto pisassem o seu solo; se outro Sancho filho de outro Affonso, e neto d'aquelle, em tres entradas, discorrendo de Elvas para o Sul, á frente dos seus jovens e robustos cavalleiros, foi desdobrando, como que uma facha isoladora entre os flamitas do Andaluz, e os do Al-Gharb; se seu ingrato e astuto irmão, depois de se lhe haver apoderado da corôa, e seguindo as suas pisadas, foi reconquistar o terreno de novo perdido, e varrer para sempre da face do Al-Gharb a meia lua do Propheta; se Affonso Henriques, em mal soffreada, e mal justificada colera, invadindo essa fronteira e tendo quasi tomado Badajoz, se acha cercado, onde era sitiador, e perde a victoria e quasi a vida, cahindo prisioneiro nas mãos do irritado, mas generoso contendor, que o solta, talvez reconhecido aos grandes serviços que aos christãos da península havia feito o valente guerreiro; se em fim nos tempos de Affonso II, Affonso IV, Fernando I, João I, Filipe I, João IV e Affonso VI, ora essas fronteiras se viram taladas, incendiadas e calcadas, pelas hostes dos enraivados contendores, que, ou defendiam a sua nacionalidade ou queriam conculcar a alhea, e assistiram á passagem de exercitos auxiliares, a quem o christianismo hispanico deve assinalados e inolvidaveis servi-



PORTO — INUNDAÇÕES EM MIRAGAYA (Desenho do natural por H. Pousão)



INDIA PORTUGUEZA — EGREJA MATRIZ DE MARGÃO (Segundo um desenho de Lopes Mendes)

cos; outras vezes tambem as gallas de regosijo se estenderam ao sol esplendido, para em amplexo estreito verem abraçar-se os dois povos, cuja força reside principalmente no respeito mutuo, e na amizade e alliança reciproca. Commemorando pois agora a festa dos nossos dias, lançaremos depois um olhar rapido e retrospectivo pelos tempos que foram, cujas gallas inebriaram nossos heroicos avós.

Uma festa industrial e commercial, a inauguração de uma nova linha ferrea, que encurta mais a distancia que nos afasta do resto da Europa, trazia ás fronteiras de Portugal o joven monarcha, a quem estão confiados os destinos da nossa vizinha Hespanha. O chefe do Estado, sempre sollicito em cimentar a boa união entre Portugal e o resto da Europa, entendeu, dever ir ao encontro do seu regio primo, e já que a Constituição portugueza, lhe veda o sahir a fronteira do paiz, ao menos offerecer-lhe uma entrevista áquem d'essa fronteira, visto o monarcha hespanhol, não estar atado a essa inutilissima, e infundamentada pea.

Para esse fim mandou-se construir um singelo e elegante pavilhão, como a brevidade do tempo o permittiu. Foi assente á esquerda da gare da estação do caminho de ferro em Elvas. Compunha-se, como a estampa representa, de um corpo central e dois lateraes, apresentando exteriormente a forma de um chalet. Interiormente repartia-se em duas grandes divisões, que serviam de sala de recepção, e de sala de lunch, com dois gabinetes particulares para os monarchas, ministros e mais pessoas das regias comitivas.

Junto do pavilhão, havia um grande barracão destinado para cosinha e copa; e era ladeado por dois pequenos jardins, apresentando em todo o seu conjunto simplicidade e gosto.

As sallas e gabinetes do pavilhão estavam convenientemente mobiladas, o pavimento coberto de alcatifas, e tudo ornado com varios objectos de arte. Não havia magnificencia, tudo respirava cordialidade e primor.

A 3 do corrente fevereiro de 1879, chegava pelas 4 horas da tarde o monarcha hespanhol a Ciudad Real,

sendo acompanhado no seu transitio pelo presidente do conselho de ministros, sr. Canovas del Castillo, ministro dos negocios estrangeiros, sr. Silveira, conde Valbom, ministro de Portugal em Hespanha, do presidente do congresso, sr. Ayala, do mordomo-mór marquez d'Alcanices, etc., etc.

As 11 e 10 minutos da noite do dia 4 partia el-rei D. Luiz de Lisboa para Elvas; em todas as estações era esperado pelas auctoridades locais, e pelas guardas de honra do estylo, n'aquellas que se acham proximas dos aquartelamentos de tropas. Chegou a Elvas ás 8 horas e 28 minutos da manhã do dia 5, recebendo á sua chegada os cumprimentos das diversas auctoridades, e as devidas homenagens do governador da praça, e a continencia das tropas ali estacionadas.

Desde essa madrugada que os povos dos arredores se apinhavam pelas cercanias de Elvas, para gozarem d'aquelle grandioso espectáculo, vindo assim juntar os seus trajes variegados, aos uniformes da milicia, e dos grandes dignitários. El-rei fôra acompanhado pelo presidente do conselho de ministros sr. Fontes Pereira de Mello, ministro das obras publicas, sr. Lourenço de Carvalho, e dos estrangeiros sr. Corvo; ministro de Hespanha sr. duque de Tetuan e secretario, mordomo-mór sr. marquez de Ficalho, etc. etc.

De Badajoz saiu el-rei D. Affonso ás 9 horas e 20 minutos, chegando oito minutos depois a Elvas. El-rei D. Luiz esperava-o á entrada do pavilhão, que ostentava as armas hespanholas, em combinação graciosa com as de Portugal e Saboya. Á direita do pavilhão estava postada, na respectiva ordem de formatura, a força da praça composta de artilheria n.º 2, batalhão de caçadores n.º 8 e infantaria n.º 4, e em frente do pavilhão o regimento de cavallaria n.º 1, lanceiros de Victor Manuel. O tempo, que até ali se conservára inconstante, suspendeu um pouco as suas brumas e aguaceiros, para deixar gozar o povo um pouco folgadoamente as gallas da festa. Entrados os monarchas no pavilhão, trocadas as saudações e cumprimentos affetuozos, e feita a apresentação mutua dos personagens das duas comitivas, recolheram-se aos seus gabinetes, e o mesmo fizeram os personagens das duas comitivas, até que começou o *lunch*, depois da 1 hora da tarde, acabando ás 2 e 35 minutos, sendo a coberta de 60 talheres. Trocaram-se os brindes do estylo, á prosperidade, boas relações e amizade dos dois soberanos e dos dois paizes, sendo o primeiro levantado por el-rei D. Luiz, e saudado por girandolas de foguetes, etc. Passou-se revista á tropa a pé, e esta em boa ordem marchou em continencia pela frente do pavilhão, tendo os nossos visinhos, que são phantasiosos e amigos do fausto, gostado muito dos lanceiros, de toda a nossa tropa a que ainda tem algum tanto de aparato.

As 3 horas e 55 minutos da tarde deixava D. Affonso, Portugal, que por intermedio do seu augusto chefe, lhe offerecera condigna hospedagem; tendo reinado nas despedidas e em todo o acto da recepção a maior cordealidade e harmonia, provando-se mais uma vez que se pode ser visinho sem ser inimigo.

(Continúa)

BRITO REBELLO.

EGREJA DE MARGÃO

AS EXEQUIAS

EM HONRA DO VISCONDE DE SERGIO DE SOUSA

A igreja matrix da villa de Margão é um dos templos mais esplendidos e grandiosos da India Portuguesa. Mandado edificar pelos padres da Companhia de Jesus, como se vê da sua architectura, tem por orago S. Pedro.

Foi n'ella que, em 8 de novembro de 1878, tiveram lugar as sollemnes exequias para suffragar a alma do illustre governador geral de Goa, visconde de Sergio de Sousa.

O acto funebre foi concorridissimo de ecclesiasticos, cavalheiros e damas de todos os pontos da provincia.

De Nova Gôa e Ribandar foram expressamente para assistir aos actos religiosos os srs.: conselheiro presidente da realty e membro do conselho governativo, Thomaz Nunes da Serra e Moura, juizes de direito das Ilhas e de Salsete, Antonio Sergio de Souza e D. Manuel de Carcamo Lobo.

O magestoso catafalco, que erigiram no centro do sumptuoso templo, devido ao artista o sr. José Maria Vidigal, tinha muitos primores de arte e de bom gosto, como representa a gravura que damos a pag. 40; copia de uma photographia que d'ali nos fez a lineza de mandar o sr. Bordallo Pinheiro, descreve-a a *India Portuguesa* de 9 de novembro ultimo, do modo seguinte:

Sobre uma peanha de marmore negro frisado de prata nos extremos, estavam assentes os polygonos que formavam a base da columna, cujo capitel coberto de um manto negro estrellado e franjado de prata, deixava pender dos quatro extremos quatro borlas de ouro; sustinha esta columna a urna cineraria de rico jaspé arrendilhada. Na face da frente do primeiro polygono via-se a corôa nacional tendo em fachá o nome do visconde, e velada de crepe com os extremos seguros por dois anjos, que suspendendo o manto com uma das mãos seguravam com a outra uma fita em que se lia o sentimento commum expresso nas palavras — O TRIBUTO E A SAUDADE — . Logo em baixo, sobre a peanha estava uma jarra verde-negra contendo folhas de acântho, symbolo da tristeza. O segundo polygono continha em si a inscripção, isto é, a expansão do pensamento intimo; lia-se: — A SAUDOSISSIMA MEMORIA DO ILL.ººº E EX.ººº SR. VICE-ALMIRANTE, VISCONDE DE SERGIO DE SOUSA, TRIBUTA AGRADECIDA A COMARCA DE SALSETE — . As faces menores d'estes polygonos eram de marmore negro frisado de ouro e as maiores em fundo negro frisados tambem d'ouro e constelladas de estrellas. Na base da columna viam-se cruzadas duas bandeiras nacionaes; e mais algumas folhas de acântho pareciam querer demonstrar a tristeza por haverem perdido um dos seus acerrimos defensores. Sobre estas bandeiras estava o trophéo allegorico em que se entrelaçava a marinha, a guerra, a sciencia e a litteratura, e sobranceira a ellas a corôa de visconde velada em crepes e segura por dois anjos.

Os edificios religiosos do estado de Gôa são a linguagem muda mas eloquente da piedade, levantada á gloria dos santos pelos portuguezes.

Entre as magnificas igrejas e conventos da cidade de Gôa, acham-se algumas construcções de grêz; mas mui raras. O frontispicio das igrejas do Bom Jesus, aonde está o famoso tumulo de prata em que repousa o maior conquistador do oriente, S. Francisco Xavier, que todos os povos da India visitam com a mais acrisolada devoção; o frontispicio das igrejas de Santo Agostinho, S. Paulo, do Carmo, de S. Domingos e o Arco dos Vice-reis são de grêz. Todas as demais edificações, tanto christãs como gentilicas, são construidas de laterite, pelos indigenas denominada *factor-goracho-durgacho*, revestida de cimento vituminoso e branqueadas com cal de ostras.

A constituição geologica de um paiz, a sua fórma em planicies arborisadas, a constituição social e os principios religiosos dos povos explicam o caracter da architectura, tanto no seu estylo como nos materiaes empregados.

Os antigos conventos e igrejas da cidade velha de Gôa são grandiosas, soberbas, e de construcção robusta.

Os pagodes, ou templos gentilicos, apresentam mais magnificencia que solidex, pela sua religião assim o determinar, e não ser possível empregar grande numero de operarios em trabalhos mechanicos, a que só se dedicam as castas inferiores do povo.

A villa de Margão, capital da provincia de Salsete, tem além da igreja parochial, de que hoje offerecemos o desenho, cinco capellas, algumas das quaes de bellissima architectura, como a capella do 1.º batalhão de caçadores e a de Nossa Senhora da Piedade. D'esta ultima capella, situada no cume de um outeiro, que demora a leste da villa, e do mais esplendido panorama que se pôde imaginar e d'ali se desfruta, fallaremos quando publicarmos os respectivos desenhos.

Conta Margão 4:000 fogos e 16:000 habitantes; dos quaes 18 individuos formados em medicina, 14 advogados, 3 desembargadores da relação ecclesiastica, 35 sacerdotes, 4 egressos, um grande numero de artífices taes como: alfayates, sapateiros, carpinteiros, pedreiros, canteiros, ourives e marceneiros de elevado merito.

Tem muitas casas de commercio, e duas typographias, aonde se imprimem os jornaes intitulados: *O Ultramar* e a *India Portuguesa*. Entre os edificios notaveis conta-se a casa da municipalidade, da camara agraria, da gôcaria, administração do concelho, casa das audiencias do juiz de direito da comarca, a cadeia, o quartel do 1.º batalhão de caçadores, dois cemiterios e muitas casas particulares.

As casas nobres de particulares, são quasi todas de um só pavimento, de fórma graciosa e apalaçada, com amplos commodos, hálcos e jardins povoados de viçente arvoredos sempre magestoso e bello.

Possue tambem um monumento erigido ao beneme-

rito cidadão Bernardo Peres da Silva, 16 escolas, sendo 3 publicas e 13 particulares, 2 collegios, igualmente particulares e 2 theatros.

Tem ainda mais esta importante povoação da nossa India, a primeira depois da capital do estado de Goa, 10 fontes de agua potavel, 5 alagoas e 2 famosos tanques gentilicos.

Existiu outr'ora na aldeia de Margão, que se elevou á categoria de villa por alvará de 12 de julho de 1779, um importante hospital, denominado do padre Paulo Camarte, seu fundador.

Em 17 de maio de 1574 a Companhia de Jesus construiu na referida aldeia um collegio, tomando para este fim posse dos *namozins* e *decurans*, ou terrenos dos pagodes, que em numero de 280 foram derrubados em 1567, unindo ao referido collegio o hospital dos pobres, ou do padre Camarte, o seminario dos meninos pobres, a casa dos cathecummenos, uma escola de instrução primaria e de doutrina christã, uma de theologia moral, e uma outra de lingua concany.

Annos depois foram o collegio e hospital incendiados pelos mouros; e os padres da Companhia trataram de construir um outro em Rachol no anno de 1580. Este collegio, em virtude da ordem do visitador Nicolau Pimenta, dada em 1597, voltou de novo a Margão, para em 1606 tornar a ser estabelecido em Rachol, e mais tarde convertido em Seminario de estudos ecclesiasticos, titulo pelo qual ainda hoje é conhecido. Trataremos d'este seminario, quando dermos á estampa o seu desenho.

A provincia de Salsete é uma península que estanca ao sul das Ilhas de Goa. Deriva o nome da palavra concany — *Salpoty* —, que significa 60 aldeias, *gãos*, ou *potys*.

Fez parte da conquista de Affonso de Albuquerque; mas pouco tempo depois reconquistada pelo Idal-kan, foi novamente incorporada no Estado por cessão, feita em 1534.

Abrange a superficie quadrada de 337 kilometros; e divide-se presentemente em 30 freguezias e 61 aldeias, com 118:370 habitantes, sendo 114:910 catholicos, e 3:460 de religião gentilica.

Foi esta provincia invadida muitas vezes pelo Idal-kan e o Maratha, sendo a ultima invasão em 23 de janeiro de 1749, em que o Maratha occupando Margão e a fortaleza do Monte, aonde actualmente se acha a capella de Nossa Senhora da Piedade, talou toda a provincia.

Decorridos seis mezes, mediante a capitulação de 2 de maio do mesmo anno de 1739, o Maratha invasor se retirou para as provincias, hoje conhecidas por Novas conquistas das quaes foi expulso pelo vice-rei conde da Ega em 1764.

L. M.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

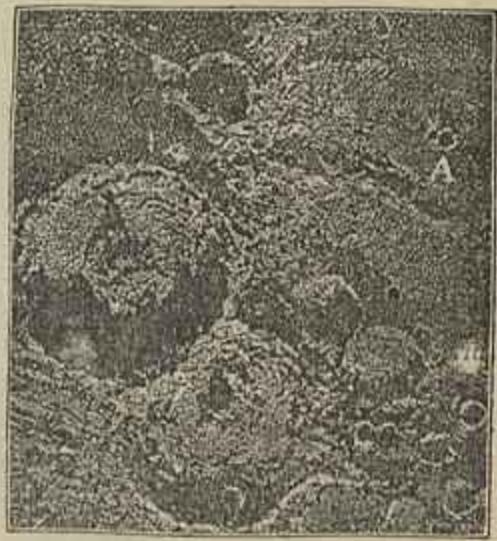
A LUA SERÁ HABITADA?

(Continuação)

Depois do que fica dito, é indubitavel que a cratera de Lionó soffreu, no segundo terço do seculo XIX, uma erupção, que excede em proporções tudo o que se operou de semelhante na superficie do nosso globo durante o mesmo periodo. Não se distinguiram phenomenos luminosos, mas talvez que n'este momento ainda uma camada de vapor ou de nevoeiro paira no cimo ou nas vertentes da cratera.

O que se deu com respeito a um vulcão, parece ter-se dado com respeito a uma pequena cratera situada a Este do grande circulo d'Alpetragius.

Eis aqui uma serie d'observações mais curiosas ainda.



Esta figura representa uma região lunar da parte oriental do mar de Nectar, sobre o qual se vê uma

pequena cratera A cujo diametro mede cerca de 6.000 metros, elevando-se no centro d'uma pequena planicie. Pois bem, esta cratera ora é visivel, ora invisivel... De 1830 a 1837 era com certeza invisivel, pois que dois observadores absolutamente estranhos um ao outro, Madler e Lohmann, analysaram minuciosamente, descobriram e desenharam este paiz lunar e observaram, em volta da posição que ella occupa detalhes de terreno relativamente menos importantes sem de tal cratera suspeitarem. Em 1842 e 1843 Schmidt observou esta mesma região sem igualmente a avistar. Viu-a pela vez primeira em 1851. Distingue-se perfeitamente sobre uma photographia directa da lua tirada por Rutherford em 1865. Mas em 1875, o selenographo inglez Neison, examinou e descobriu, com as particularidades mais minuciosas e as medidas mais exactas, este mesmo logar sem distinguir nenhum signal do vulcão. Actualmente distingue-se muito bem... Parece-me que a explicação mais simples que temos a dar d'estas alterações de visibilidade, é admitir que este vulcão lança por vezes, porções de fumo ou de vapor que ficam por algum tempo suspensas em cima d'elle, occultando-o á nossa vista, como aconteceria em relação a um aerostato, pairando algumas leguas acima do Vesúvio nas épocas das suas erupções.

Ou então admitir que todos estes eminentes observadores, bastante conhecidos pelo cuidado com que fizeram os seus estudos e pela precisão que sempre os distinguia, observassem mal pelo facto de nós não comprehendermos os factos observados. Seria ainda outra hypothese menos sustentavel do que a das variações perfeitamente admissíveis.

As chammas dos vulões poderiam ser visiveis á distancia a que nós vemos a lua pelo telescópio? Não; a menos que não fossem d'uma violencia e d'um brilho muito mais intenso do que o dos vulões terrestres.

As nevoas, nevoeiros, vapores ou fumo, dos quaes se torna possível duvidar cada vez menos, condiziam Schœner a pensar que as suas posições ás vezes singulares, pareciam accusar alguma origem industrial, chaminés, fornos, fabricas dos habitantes da lua. A atmosphera das cidades industriaes, notava elle, varia segundo as horas e numero de chaminés acesas. Encontrava-se muitas vezes na obra d'este observador conjecturas sobre a actividade dos selenitas. Elle creê tambem observar alterações de cor que podem ser devidas a modificações na vegetação ou nas culturas. Gruytlinen pensa mesmo ter reconhecido signaes não equivocados de fortificações e de estradas nacionaes. O exame d'estas observações e estudo do estado organico provavel dos habitantes da lua, se por ventura existem, passal-os-hemos a avaiar em seguida.

Já vimos que a observação aturada revela a existencia de movimentos geologicos importantes realisando-se actualmente na superficie do mundo lunar, e provando que aquelle globo considerado como planeta não tem menos vida do que a terra. Igualmente vimos que certas crateras, certas paisagens lunares, nem sempre offerecem o mesmo grau de visibilidade, e desaparecem mesmo muitas vezes sob um veu mysterioso, que pôde ser produzido, por fumo, por vapores, ou por nevoeiros, mas que em todo o caso prova que a atmosphera lunar não é nula. É aqui o lugar proprio para notar que a opinião geralmente espalhada sobre a ausencia completa d'atmosphera lunar não é sufficientemente fundada. As unicas observações importantes que os adversarios d'esta atmosphera podem invocar, as de Bessel, provam simplesmente que ella é extremamente leve, e que, a sua densidade é duzentas vezes menor do que a da atmosphera que respiramos.

Da analyse spectral não se deprehe de que exista mais do que uma atmosphera de densidad fraquissima, da mesma fórma o facto das estrellas ficarem occultas quando a lua passa por diante d'ellas sem que desmereçam ou sejam refractadas pela aresta lunar vem tambem em apoio d'esta asserção. Todavia não se pôde deprender que haja uma ausencia total d'atmosphera pois que se tem notado um grande numero de casos em que o desaparecimento não tem sido instantaneo: a comparação d'estas observações conduziu Neison a calcular que a atmosphera da lua deve pezar cerca de cinco centesimos da nossa e elevar-se a trienta e dois kilometros d'altura.

(Continúa.)

CAMILLO FLAMARION.

CANNIBALISMO N'UM COMBOIO

NARRATIVA HORROROSA

Ha pouco fiz uma excursão a S. Luiz. Na ida, depois da mudança de comboio na Terre Haute, estado de Indiana, n'uma das estações entrou e sentou-se ao pé de mim um sujeito de aspecto benevolo e pacifico, e que teria os

seus quarenta e cinco, ou talvez cincoenta annos. Travámos conversa, cavaqueámos agradavelmente sobre diferentes assumptos, cerca talvez de uma hora, e pareceu-me pessoa muito intelligente e de tracto agradável. Quando soube que eu era de Washington, entrou a fazer-me perguntas a respeito de varios homens publicos e das coisas do Congresso. Depressa conheci que fallava com individuo muito em dia com as tricas da politica na capital, e que até conhecia os habits, modos e systema de deliberar dos senadores e representantes nas camaras da legislação nacional.

Em meio da nossa conversa, ouvimos em certo momento cruar-se a seguinte phrase dentro do wagon:

— Amigo Harris, se me fizeres isso, nunca o esqueceréi.

O olhar do meu companheiro animou-se satisfeito. Aquellas palavras haviam-lhe decerto despertado alguma agradável lembrança, pensei commigo. Mas no mesmo instante tornou-se pensativo, quasi triste.

E voltando-se para mim disse-me:

— Deixe-me contar-lhe um caso; deixe-me abrir-lhe um capitulo secreto no livro da minha vida — capitulo em que nunca toquei depois que transpirem os seus tristes acontecimentos. Ouça-me com paciencia e prometta não me interromper.

Prometti, e elle contou-me a seguinte espantosa aventura, fallando umas vezes com animação, outras com melancolia, mas sempre com convicção, com vehemencia.

No dia 19 de dezembro de 1853, parti para S. Luiz, no comboio da tarde que se dirigia a Chicago. Eramos ao todo vinte e quatro passageiros apenas. Não iam nem mulheres nem crianças.

Sentamos-nos todos em boa disposição de animo, e bem depressa entrámos a dar-nos uns com os outros. Prometti correr excellentemente a jornada, e nenhum de nós, creio, tinha o mais vago presentimento dos horrores em que nos iamos ver não tardaria muito.

As onze horas começou a nevar abundantemente. Um pouco além da aldeia de Welden, entrámos no immenso descampado, cuja medonha solidão se desdobra leguas e leguas até os longinquos *Jubilee Settlements*. Os ventos, sem obstaculo de arvores, collinas, ou sequer de isolados rochedos, uivavam temerosamente por sobre a deserta planicie, cuspiendo deante de si a neve como a espuma das vagas altas em mar tempestuoso. O gelo amontoava-se rapidamente, e conhecemos pela velocidade decrescente do trem, que a locomotiva abria caminho com difficuldade cada vez maior. Por vezes, chegou a parar de todo, em meio dos montões de neve que se empilhavam ao longo da via, alvejando como tumulos colossaes.

A conversa começou a affrouxar. Succedeu á alegria a grave preocupação. A possibilidade de ficarmos detidos em meio dos gelos, n'aquella desamparada planicie, distante cincoenta milhas do povoado, occorria a todos os espiritos e influiu em todos os animos por modo desconsolador.

As duas da madrugada despertou-me do meu desasocegado somno a suspensão de todo o movimento em roda de mim. A horrorosa verdade fuzilou no meu cerebro immediatamente — estavamos prisioneiros nas entranhas de enorme montão de gelo!

— Todos á faina!

Poz-se tudo de pé. Saltaram todos para fóra, para o meio da noite desabrida, da escuridão profunda, da neve revolta, do temporal desfeito, com a convicção de que a perda de um momento podia ser a morte de todos nós. Pás, cabos, taboas — qualquer coisa que pudesse deslocar a neve, tudo foi rapidamente requisitado. Era um espectáculo original, aquelle pequeno ajuntamento de homens atacando os enormes escolhos, parte mergulhados no negrume da noite, parte illuminados pela luz coruscante do reflector da locomotiva.

Bastou uma hora para se conhecer a absoluta inefficacia dos nossos esforços. A tempes-

tade obstruia a via com uma duzia de montões de neve, enquanto nós desfaziamos um apenas.

E o peor foi descobrir-se que na ultima investida que a machina dera contra o inimigo, se havia partido o eixo de uma das rodas! Até com a via desobstruida, ficaríamos perdidos.

Tornámos a entrar para o comboio prostrados e tristissimos. Arrumámos as pás, e pozemos-nos gravemente a debater a nossa situação. Não tínhamos provisões — e n'isto estava principalmente o perigo. Regelados não poderíamos ficar, porque no *tender* havia grande fornecimento de lenha. Era o nosso unico lenitivo.

A discussão veio a terminar por admittirmos a desanimadora conclusão do conductor, isto é, que seria inevitavel a morte para quem tentasse fazer cincoenta milhas a pé, em meio d'uma nevada d'aquellas. Não podíamos mandar pedir soccorro, e quando podessemos, não havia meio d'elle vir. Tínhamos pois de nos conformar com a sorte, e esperar tão pacientemente quanto nos fosse possível, auxilio ou a morte pela fome. Estou que os corações mais firmes, palpitarão com força por um momento, quando se ouviram aquellas palavras.

Dentro de pouco a conversa baixou a um leve murmúrio que soava n'um ou n'outro ponto do comboio, e que a custo se apanhava entre as intermittências do vendaval. Amorteceram os faroes, e a maior parte dos desamparados cuidaram de se accommodar em meio das errantes sombras, a fim de procurarem esquecer, se lhes fosse premitido, dormir se lhes fosse possível.

A eterna noite — e em verdade que eterna nos pareceu — exauriu afinal as suas lentas horas, e a pardacenta e gelida madrugada rompeu no oriente. Á proporção que a claridade do dia se ia tornando mais viva, os passageiros, uns apoz outros, moviam-se e davam signaes de vida, levantando para a testa o derrubado chapeu, estirando os membros entorpecidos, e relanceando pelas vidraças um olhar á desconsoladora perspectiva exterior.

E desconsoladora na verdade! — nenhum ente vivo, nenhuma habitação humana, só o immenso deserto alvejante, sobre o qual pendiam grandes farrapos de neve acoutados pelo vento — chaos de revolteantes flocos cerrando as alturas do firmamento.

Passámos o dia todo acantoados pelos wagons, fallando pouco, pensando muito. Seguiu-se outra longa e horrenda noite — e a fome!

Novamente rompeu a aurora, e novo dia deslousou de silencio, de tristeza, de fome devastadora, de expectativa sem esperanza por um soccorro que não podia vir. A noite que lhe succedeu, foi de somno inquieto, povoado de sonhos em que só figuravam banquetes, mas dos quaes nos despertavam as lancinantes crispações da fome.

Sobreveiu e deslousou o quarto dia e do mesmo modo o quinto!

Cinco dias de horrenda carceragem! No olhar de cada um a fome espreitava ferozmente. Divisava-se porém outro indicio de terrivel significação — o vislumbre do que quer que fosse que vagamente se ia definindo no intimo de cada um, de alguma coisa que ainda nenhuma lingua tivera o arrojo de formular.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Antes que cases vé o que fazes.

Passou-se o sexto dia, e o sétimo raiou sobre um ajuntamento humano tão emmagrecido, tão definido, tão sem esperança como ainda nenhum se vira ás portas da morte.

Não havia remedio já! Aquillo que no intimo de cada qual se fóra delineando, estava finalmente prestes a saltar dos labios. A natureza tinha sido submettida ao mais que era-lhe possível — devia forçosamente ceder. Richard H. Gaston, de Minnesota, alto, pallido, cadaverico, ergueuse. Todos sabiam o que se ia passar.

Preparados, dissimularam toda a commoção todo o signal de excitação. Nos olhares, ha pouco tão selváticos, apenas se manifestava agora uma seriedade tranquilla, meditabunda.

— Meus senhores, principiou Richard H. Gaston de Minnesota. — Isto não se póde prolongar por mais tempo! É urgente! Temos de resolver qual de nós ha de ser sacrificado á morte para alimento dos seus companheiros!

Mr. John. J. Williams, do Illinois, levantou-se e disse:

— Senhores, eu nomeio o rev.^{do} James Sawyer, do Tennessee.

Mr. Wm R. Adams, da Indiana, disse em seguida:

— Eu nomeio Mr. Daniel Slote, de Nova York.

— E eu, Mr. Samuel A. Bowen, de S. Luiz, acrescentou Mr. Charles J. Landgon.

Mr. Slote acudiu então:

— Meus senhores, eu desejo declinar em favor de M. John A. Van Nastrand, Junior, de Nova Jersey.

— Se não houver opposição, será satisfeito o desejo do gentleman, ponderou Mr. Gaston.

Mas como Mr. Van Nastrand apresentasse as suas objecções, foi rejeitada a cedencia de Mr. Slote. Messrs. Sawyer e Bowen igualmente declinaram, mas a sua cedencia foi rejeitada pelos mesmos motivos.

Mr. A. L. Bascom, do Ohio, propoz que não se continuasse com as nomeações e que a reunião procedesse á eleição por escrutínio.

Mr. Sawyer tomou aqui a palavra.

— Meus senhores, disse, protesto energeticamente contra um similhante modo de deliberar. Sob todos os aspectos que se considere, é irregular e improprio. Permittam-me que proponha o abandono immediato de tal systema, e se passe á eleição de um presidente e dos membros competentes para auxiliarem a presidencia, e então poderemos proseguir proficuamente nos nossos trabalhos.

Mr. Belknap de Sowa oppoz-se.

— Não é occasião agora de nos pôrmos com formalidades e preceitos ceremoniosos, disse. Ha mais de sete dias que estamos sem comer. Cada momento que perdemos em ociosa discussão augmenta a nossa agonia. Dou-me por satisfeito com as nomeações que se fizeram, todos os outros senhores parece-me que tambem se dão — e eu por mim não vejo porque não se ha de desde já proceder á eleição de um ou mais de um dentre os nomeados. Desejava propor uma solução...

Mr. Gaston interrompeu:

— Levantaria opposição, teria de ser discutida, e isso ocasionaria as delongas que se querem evitar.

O cavalheiro de New Jersey... Mr. Van Nastrand:



CENOTAPHIO LEVANTADO NA EGREJA DE MARGÃO NAS EXEQUIAS DO VISCONDE DE SERGIO DE SOUSA, GOVERNADOR DA INDIA



MEU FILHO!

(Gravura extrahida do romance *A Casa do Saltimbanco*.)

— Meus senhores, entre vós sou um estrangeiro; não procurava a distincção com que me honraram, e sinto uns escrúpulos...

Mr. Morgan, de Alabama, interrompendo:

— Susto pela discussão da primeira proposta.

Foi approvada, e portanto evitaram-se ulteriores debates. Passou a proposta para a eleição dos cargos, e em virtude d'ella, Mr. Gaston foi nomeado presidente, Mr. Blake secretario, Messrs. Holcomb, Dyer e Baldwin ficaram formando a commissão para nomeações, e Mr. R. M. Howland foi aggregado á commissão para a auxiliar nas escolhas.

Suspenderam-se os trabalhos por meia hora, durante a qual houve algum cavaco.

(Continúa.)

A. M. DA CUNHA E SÁ.

BIBLIOGRAPHIA

A BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA. — Quando em Portugal havia apenas poucos livros, cuja leitura moral e recreativa podesse offerecer ás crianças a instrução amena que attrahe e seduz, quando as mães desejavam unanimemente a creação, entre nós, de uma bibliotheca infantil, os nossos bem conhecidos typographos Lallemand freres, desejando preencher essa lacuna, enotaram a publicação da BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA, epigraphe sob a qual se propozeram a dar ao publico uma serie de livros que, por sua acção moral, podessem ser lidos com aproveitamento no seio das familias e adoptados, com grande utilidade, como premios nos collegios de educação.

A gravura que apresentamos aqui aos nossos leitores faz parte do 1.º capitulo da CASA DO SALTIMBANCO, devida á delicada penna da distincta escriptora M.^{me} de Stolz, representa uma interessante scena, d'essas que tantas vezes se repetem no intimo do lar do mestico, é uma irmã mais velha ensinando a lição ao irmãozinho, que parece escutal-a attentamente e que penetrada de toda a gravidade da sua missão, lhe diz solemnemente: *meu filho!* enquanto que os paes, cheios de amor, a contemplam enternecidos.

Além d'este volume, QUE AMOR DE CRIANÇA! escripto por M.^{me} la Comtesse de Ségur, não é menos digno de menção. As ISVANCIAS CELEBRES, de M.^{me} Louise Colet, traducção esmerada do nomeo apreciavel escriptor e amigo M. Pinheiro Chagas, tendo tres assumptos portuguezes admiravelmente tratados por elle, taes são os factos historicos da vida de D. NUNO ALVARES PEREIRA, o grande condestavel, de BOCAGE, o inspiradissimo Poeta, finalmente o caso celebre dos FILHOS DE PHILIPPA DE VILHENA, eterna gloria e verdadeiro rasgo do amor da familia, da patria e da independencia portugueza.

Não pertendemos aqui fazer o elogio d'esta empreza por que bem sabemos que rara é a casa, onde ha crianças, que não possuam um exemplar d'estas obras, porém como é de crer que muitas outras do mesmo genero se lhe sigam, constando-nos mesmo que ha já um outro volume em projecto, lembramos a todas as boas mães de familia, que na LIVRARIA DE MADAME MARIE FRANÇOIS LALLEMANT, rua do Thezouro Velho, 22, se encontram não só estes volumes, como tambem muitos livros proprios para crianças em diversas linguas e publicações illustradas de todos os generos; satisfazendo assim o gosto das pessoas que frequentarem aquelle estabelecimento.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica. ¶

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6